

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

f119mp SANTOS, Fabíola Cristina Fernandes dos
O PAPEL DA LITERATURA NA RESSIGNIFICAÇÃO E NA RECONSTRUÇÃO DO "SER" NEGRA /
Fabíola Cristina Fernandes dos SANTOS. - 2021.
12 f.

Orientador: Iedo de Oliveira Paes.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Recife, 2021.

1. Mulher negra. 2. Literatura. 3. Desconstrução dos estereótipos . 4. Racismo. I. Paes, Iedo de
Oliveira, orient. II. Título

CDD 410

O PAPEL DA LITERATURA NA RESSIGNIFICAÇÃO E NA RECONSTRUÇÃO DO “SER” NEGRA¹

Fabiola Cristina Fernandes dos Santos²

RESUMO: Este ensaio procura refletir sobre o papel da literatura na ressignificação e na reconstrução da autoimagem da mulher negra, na reconstrução do “ser” negra no sentido mais existencial da palavra e construção de um lugar de fala das mulheres negras nas obras: Rosa Maria Rosa de Conceição Evaristo e Mulata exportação de Elisa Lucinda. Faz se necessário a quebra dos estereótipos pela literatura afro feminina brasileira contemporânea, pois existe um incômodo no que concerne a representação da figura da mulher negra, sempre muito estereotipada, e já evidenciamos a gênese da quebra desses estereótipos nessas duas obras dessas escritoras fantásticas. Antes as mulheres negras eram apenas objetos de contemplação e apreciação, sempre aparecendo nas obras literárias, até mesmo do cânone, de maneira estereotipada e até mesmo desumanizadas pelas sombras do patriarcado e do racismo. Com a ascensão de nomes como Conceição Evaristo e Elisa Lucinda percebemos uma apropriação de seu lugar de fala pela mulher negra, ela passa a representar-se na literatura, a quebrar estereótipos e a reconstruir-se enquanto mulher negra, passa a ecoar a sua voz pelo mundo, lançando seu olhar e percepção do mundo, e escancara seu desejo de quebrar estereótipos incrustados e a denunciar injustiças de forma poética, em escrituras cheias de lirismo e desejo de reinventar-se

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra, literatura, desconstrução dos estereótipos, racismo

RESUMEN: Este ensayo busca reflexionar sobre el papel de la literatura en la redefinición y reconstrucción de la autoimagen de la mujer negra, en la reconstrucción del “ser” negro en el sentido más existencial de la palabra y la construcción de un lugar de discurso para la mujer negra. En las obras: Rosa Maria Rosa de Conceição Evaristo y mulata exportan de Elisa Lucinda. Es necesario romper los estereotipos de la literatura afro femenina brasileña contemporánea, ya que existe un malestar en la representación de la figura de la mujer negra, siempre muy estereotipada, y ya hemos evidenciado la génesis de romper estos estereotipos en estas dos obras de estas escritoras fantásticas. Antes, la mujer negra era sólo objeto de contemplación y aprecio, apareciendo siempre en las obras literarias, incluso desde el canon, de manera estereotipada e incluso deshumanizada por las sombras del patriarcado y el racismo. Con el surgimiento de nombres como Conceição Evaristo y Elisa Lucinda percibimos una apropiación de su lugar de discurso por parte de la mujer negra, comienza a representarse a sí misma en la literatura, rompiendo estereotipos y reconstruyéndose como mujer negra, comienza a hacer eco de su voz en todo el mundo. mundo, lanzando su mirada y percepción

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (URFPE), sob orientação da Prof^a Dr.^a Iêdo Paes. Março/2021.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: facrisfer72@gmail.com

del mundo, y abierta de par en par su deseo de romper estereotipos incrustados y de denunciar las injusticias de manera poética, en oficinistas llenos de lirismo y ganas de reinventarse

PALABRAS CLAVE: Mujer negra, literatura; deconstrucción de estereotipos; racismo

Dois nomes grandes da Literatura feminina negra contemporânea brasileira

Elisa Lucinda e Conceição Evaristo são dois grandes nomes da Literatura negra feminina contemporânea. De certo, se vozes literárias femininas ainda lutam para serem ouvidas em um meio onde a maior parte dos escritores são homens brancos oriundos do sul e sudeste brasileiros, há uma falta de oportunidade ainda maior para escritoras negras, pois além de serem minorias por serem mulheres, ainda enfrentam outra barreira que é o racismo institucional. Segundo Silvio Almeida.

[...] “Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro. Características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas” (Almeida., 2019, p.49)

Tais desvantagens também estão presentes no campo da produção literária, Várias vezes Conceição Evaristo em entrevistas afirmou que foi muito difícil sua trajetória como escritora e enfatiza que o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais. Conceição Evaristo e Maria Lucinda em nome da arte literária ultrapassam barreiras sociais para expressar seus pensamentos e emoções através de seus versos, de seus contos e prosas. Conceição Evaristo, escritora mineira, de Belo Horizonte, nascida em 29 de novembro de 1946, e doutora em Literatura Comparada, é de origem pobre e de etnia negra, seus textos trazem a experiência de opressão e marginalidade, com forte valorização da memória ancestral. Conceição costuma dizer que não nasceu rodeada de livros e sim rodeada de palavras e sua escrita é contaminada pela condição de mulher negra, Conceição Evaristo fala sobre si mesma que

“[...]Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda,

filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra”(Evaristo Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. 2009).

Elisa Lucinda dos Campos Gomes nasceu em Cariacica no dia 2 de fevereiro de 1958. É uma poeta, jornalista, escritora, cantora e atriz brasileira. A artista ganhou o Troféu Raça Negra 2010 em sua oitava edição, na categoria Teatro. Também foi premiada no cinema pelo filme A Última Estação, de Marcio Curi, no qual protagoniza o personagem Cissa. O filme abriu o Festival de Brasília de 2012. O poema Mulata exportação se encontra no livro: O Semelhante, publicado em 1994 Elisa Lucinda, no prefácio de seu livro, depõe:

“[...]Escrevo porque não tem jeito. Escrevo porque é o jeito. O meu jeito de existir. Como uma respiração, como um vício numa embocadura de olhar. (...) O universo das palavras vira uma civilização, uma raça, um povo simbólico à parte, para fazer a festa das versões. O banquete.” (LUCINDA, 1994, p.10)

Os poemas de Lucinda não se prendem a aspectos formais de rimas e métricas pré estabelecidas pelo cânone, suas poesias representam liberdade e o é também na forma, com versos heterométricos, rimas que se associam brincando com sentidos e significados.

As obras Rosa Maria Rosa de Conceição Evaristo e Mulata exportação de Elisa Lucinda trazem um eco de vozes negras de muito antes delas, de suas ancestrais, trazem denuncia, suas dores, escrevivências duras em versos e lirismo. Provando que o olhar da mulher sobre si mesma, reconstrói com delicadeza o que se perdeu na violência de um passado histórico permeado pelo machismo e pelo racismo.

1 Rosa Maria Rosa, resignificação e construção de uma nova autoimagem

O conto “Rosa Maria Rosa”, se encontra na antologia Histórias de leves enganos e parencas, publicada em 2016. Obra repleta de personagens em que a história de vida, e as relações e ações cotidianas remetem a condição de mulher negra na sociedade brasileira, à condição étnica e de gênero, porém, apesar de ter claramente uma leitura crítica social incutida em toda obra há inclusão do insólito, uma presença do fantástico que vem romper e modificar a realidade e nos inebriar de magia e poesia. Apesar do conto possuir um narrador heterodiegético, não oferece ao leitor tantas informações a respeito das motivações psicológicas, das motivações mais intrínsecas da personagem, nos deixando intrigados, curiosos, nos imergindo em um clima de suspense e procura dos motivos que levam a personagens a ser e agir. O conto Rosa Maria Rosa de Conceição Evaristo conta a história de uma moça que não conseguia corresponder ao contato corporal com outras pessoas. Ela narra que a moça parecia ter algum problema, pois murchava toda quando alguém tentava abraçá-la. Que não conseguia corresponder ao gesto de busca de outra pessoa e não se entregava ao carinho de ninguém, mantinha os braços colados ao corpo, como

que trancando qualquer sentimento que porventura viessem a aflorar, nem mesmo com o olhar ela conseguia acolher o afeto de outro corpo. Não havia um movimento de troca ou reciprocidade, não que não houvesse carinho de Rosa pelos outros, porém, este, não era expresso. Faltava a expressão do “ser” de Rosa. Como podemos observar no trecho a seguir:

“[...]A moça murchava toda quando as mãos estendidas vinham à procura dela. Nunca correspondia ao gesto de busca da outra pessoa. Não se entregava. Mantinha os braços cruzados como grades de ferro sobre o próprio corpo, com as mãos fechadas, postava-se ereta. Nenhum movimento de rosto era perceptível. Nem um leve piscar de olhos indicava o acolhimento da oferta que o outro corpo lhe oferecia”. (Evaristo 2016: 17)

Podemos perceber, que seus braços se assemelham a “grades de ferro”, talvez numa necessidade de autoproteção e autopreservação, as mãos cerradas também evidenciam o trancamento do corpo, uma barreira a mais, evidenciam também, a falta de interação interpessoal, da relação dialética com outro corpo ou outro ser. As mãos fechadas, punhos cerrados, também evocam uma imagem de luta, uma luta cotidiana pela não aceitação dos estereótipos que objetificam a mulher negra, hiper sexualizam, coisificam, ou mesmo determinam que são corpos talhados para o trabalho e servidão, estabelecendo uma relação dialética, interpessoal, problemática baseado no “eu” - “Isso” (objeto) e não no “eu” - “tu” (pessoa) que seria uma relação ideal. Os braços cruzados, trancados como barras de ferro, também podem sugerir ao leitor uma ideia de prisão, como se Rosa estivesse presa em seu corpo, não estabelecendo assim outras relações corporais. Sobre relações que o negro estabelece com outros indivíduos e a questão do reconhecimento, podemos recorrer ao pensamento do psiquiatra Fanon:

“[...]A liberdade requer um mundo de outros. Mas o que acontece quando os outros não nos oferecem reconhecimento? Um dos desafios instigantes de Fanon para o mundo moderno aparece aqui. Na maioria das discussões sobre racismo e colonialismo, há uma crítica da alteridade, da possibilidade de tornar-se o outro. Fanon, entretanto, argumenta que o racismo força um grupo de pessoas a sair da relação dialética entre o eu e o outro, uma relação que é a base da vida ética. A consequência é que quase tudo é permitido contra tais pessoas, e, como a violenta história do racismo e da escravidão revela, tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico. A luta contra o racismo anti-negro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro.(Fanon.2008:16).

E sobre este estado de inércia e não poder ser, que as mulheres negras viveram durante séculos, e sem expressão de sentimentos, era dessa forma que Rosa vivia, sem expressar suas emoções e sentimentos, presa em seu próprio corpo. O narrador diz que “O carinho parecia ser devolvido só por dentro” (Evaristo, 2016 :17).

O narrador descreve Rosa Maria Rosa como bela - “seria ela a legendária rosa negra?” (Evaristo, 2016: 17). A moça é desejada não só por homens, mas todos a acham muito atraente e querem um afago do corpo de Rosa, não só das pernas ou dos braços, mas de Rosa em sua totalidade, outra maneira muito singela de perceber o corpo da personagem Rosa, sem reduzi-lo a partes sensuais, erotizadas, Rosa não é apenas seios ou pernas, Rosa é um ser completo, um corpo e mais que isso, uma totalidade essencial, única.

“[...]enquanto isso muitos ficavam sonhando com o corpo da moça. não com os seios, não com as pernas, nem com mais nada. Adivinhavam. Tudo deveria ser belo, Rosa era linda, seria a legendária rosa negra?” (Evaristo 2016: 17. Grifos Originais.).

Ninguém entendia por que Rosa não se entregava aos gestos de carinho, e a moça não era compreendida. As indagações levam a curiosidade dos leitores ao ápice para descobrir a razão do “trancamento do corpo dela”. Segundo o narrador, falava-se que quando Rosa abraçava alguém causava um “sentimento de torpor intenso”, todos desejam sentir este torpor intenso, porém Rosa não correspondia aos braços que a procuravam, talvez por saber que era valioso demais, oferecia seus braços a mulheres mais velhas e crianças. Percebemos nesses trechos uma quebra de estereótipos, quando há uma recusa de mostrar a personagem como um corpo vulgarizado, que qualquer um poderia abraçar ou possuir, a escritora nos conduz a ter uma visão completamente modificada do corpo da mulher negra como algo de grande valor não só estético, mas com singeleza, nega a hiper sexualização e até mesmo a combate de forma poética. Temos uma mulher negra falando de si mesma, protestando sobre o lugar social que a mantiveram desde sempre, há uma reconstrução da própria imagem. Porém essa quebra causa estranheza, indagações: “homens e mulheres queriam entender o motivo” (Evaristo 2016: 17). Nesse contexto, podemos citar, como aponta Chandra Mohanty (2002: 511), uma escala de privilégios dentro da própria categoria feminina, destacada por ela nos estudos sobre mulheres, no próprio feminismo, mas que pode ser aplicada a muitos contextos, ou seja, a criação de uma hierarquização dentro do próprio gênero, como foi evidenciado por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007: 13) a respeito da dupla objetificação da mulher negra.

Apenas mulheres mais velhas e crianças poderiam experienciar o aconchego de Rosa e que uma vez abraçados pela moça o sentimento de torpor era tão intenso que o corpo da moça não mais era lembrado, pois a experiência era tão sublime que a experiência com Rosa transcendia ao corpo. Nesse trecho Rosa não é só a personificação da beleza, mas também do carinho e cuidado afetivo. Elevando a representação da mulher negra a outro patamar, um patamar de realidade e idealização. “E assim seguia Rosa Maria Rosa, com seus braços fechados para muitos e profundamente inebriante para crianças e mulheres mais velhas” (Evaristo: Evaristo 2016: 18.)

Evaristo nos embriaga com tamanho lirismo, que o leitor chega a suspirar pelos abraços e afagos de Rosa. A escritora Conceição Evaristo nos faz ter uma nova percepção do corpo da mulher negra, há uma preocupação em negar a manutenção de estereótipos acerca do corpo da mulher negra, como um corpo acessível, vulgarizado, estereótipo historicamente difundido. E algo sobrenatural aparece para explicar magicamente os motivos de Rosa ser tão especial. A resposta de Conceição

ao estereótipo vem do fantástico, um acontecimento fantástico, mágico, revela o segredo de Rosa:

“[...], Mas eis que em um dia de calor intenso a moça se distraiu e calmamente levantou os braços como se fosse uma ave em um ensaio de voo. Todas as pessoas que estavam por perto viram. A cada gota de suor que pingava das axilas de Rosa, pétalas de flores voavam ao vento” (Evaristo 2016: 18, grifos originais).

Rosa com seus braços abertos como uma “ave em ensaio de voo” remete-nos à ideia de liberdade, agora Rosa pode ser livre para “ser” o que essencialmente “é”, Rosa passa a vir a ser, a torna-se plena, completa, e encontra seu lugar no mundo. Por meio do insólito. O suor de Rosa se transforma em pétalas de flores que voam ao vento, voavam e levavam consigo toda dor de estereótipos que ligam mulheres negras a maus odores, que repelem abraços e tolhem carinhos. Agora a mulher negra se assemelha a plantas amplamente conhecidas pela beleza e perfume que exalam, e também são uma referência a seu nome: Rosa. Essa imagem linda e fantástica, constrói, cura e purifica o imaginário sobre a mulher negra e há uma reconstrução da visão de si mesma. É Rosa, Maria e Rosa novamente, na medida em que é lançada luz à sua singularidade, seu ser. De maneira deslumbrante e genial a prosa poética de Conceição Evaristo nos remete a doces e inebriantes sensações, tal qual os abraços e afagos de Rosa Maria Rosa.

2 O poema *Mulata exportação*, empoderamento da mulher negra e expressão de si mesma.

O Poema *mulata exportação* já nos instiga a partir do título, que remete a uma ideia de que a mulher negra seria um produto exportável, um ser/objeto. O título também faz uma insinuação de que iremos ter exposto nos versos, uma percepção da visão do homem branco acerca da mulher negra, a voz masculina, hegemônica, dominadora. Entretanto, ao avançarmos na leitura do poema observamos que duas vozes estão presentes, a do senhor sedutor, que quer fazer uso da mulher negra como objeto de seu desejo e a voz da mulher negra, protestando, exercendo o seu lugar de fala em um embate dialógico, onde haverá uma exposição de uma nova identidade, que modifica o que é vigente. Perceberemos o eu poético mudando a sua história, primeiro relembra fatos históricos que não aceita mais que se perpetuem, e ao final ressignifica-se.

Portanto, teremos uma voz feminina que busca uma nova identidade, uma nova realidade, e outra voz masculina que representa a tradição colonizadora, patriarcal, ao iniciarmos a leitura dos primeiros versos do poema de Elisa Lucinda observamos um tom irônico e sarcástico. Percebemos um tom malicioso, cheio de intencionalidades, sugerindo a satisfação de desejos sexuais, função atribuída ao corpo da mulher negra pela sociedade escravista durante muitos séculos, estereótipos ligados aos corpos da mulher negra, ditados pelo racismo. O corpo da mulher negra carrega o peso dos estereótipos e ao relacionar-se, tais relações são invadidas pelas sombras dos estigmas de um passado de um povo escravizado que durante muito tempo foi mera mercadoria. As relações interpessoais estabelecidas sempre são maculadas por tais estereótipos, às vezes é aparente a interferência, mas

quase sempre é imperceptível, pela naturalização e pela constância das ações, porém sempre presente nas linhas e entrelinhas.

O poema de início faz referência a beleza da mulher negra, que aparece precedida de admiração e espanto. Como se encontrar beleza em uma mulher negra não fosse uma coisa natural. “mas que negra linda, e de olhos verdes ainda” (Lucinda, 1991, p. 184). E seguem-se os elogios, porém já aparece um outro estereótipo, o da mulher negra como uma mulher perigosa, maliciosa. Isto se evidencia na associação de açúcar e veneno. Então seus olhos são bonitos, mas representam também perigo: “Olho de veneno e açúcar”.

Então, no primeiro momento temos o corpo da mulher negra ligado ao erotismo e seu corpo objetificado para satisfações de desejos sexuais. No poema este desejo latente está sempre presente, incomodando, se impondo de forma atrevida e violenta. Há o desejo de interações, porém não é uma relação recíproca, entre iguais, é uma relação em que os papéis sociais estão bem delimitados, da mulher negra como amante secreta, coisa a ser possuída em segredo. Um encontro que carrega toda a dor e peso dos estereótipos, coisificando e desumanizando a mulher negra. Uma relação “eu-isso”: Vem nega, vem ser minha desculpa. Vem que aqui dentro ainda te cabe (Lucinda, 1991, p. 184)

Se analisarmos bem, o verbo “caber”, vem carregado de significados, de uma subjetividade muito implícita ao mundo da mulher negra, que é aquela sensação estranha de não pertencimento, de deslocamento. A estética da mulher negra foge do padrão que é ditado pela sociedade como adequado e bonito, a mulher negra tenta ser e estar em um mundo em que seu cabelo e tom de pele não se encaixa aos padrões estabelecidos como belo e bom, então quase sempre, a sensação da mulher negra de “ser” e “estar” no mundo é pautada pelo estranhamento, de não pertencimento, como se nunca se encaixasse, ou a de se encaixar somente em um local já demarcado socialmente para ela. Nos versos do poema de Elisa Lucinda há uma forma de “caber” nesse lugar pré-estabelecido, seria no anonimato, em segredo, segregada, silenciada. Desta forma, segundo a voz do homem branco ela ainda cabe. Se pensarmos nas situações cotidianas, seria relações informais, sem vínculos empregos informais ou sem direitos empregatícios, relações amorosas às escondidas, sem nenhum compromisso, sempre às margens da sociedade, sempre fora dos direitos e sem exercer plenamente sua cidadania. Sobre o corpo da mulher negra pesam estigmas que a colocam nesse local de isolamento, obscurantismo e solidão. Demarcando seu lugar. Sobre isso a psicanalista Neusa Santos nos diz que

“[...] Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce função simbólica (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classes, conforme pertençam aos padrões raciais da classe/raça dominante ou estejam mais próximos” (Neusa Santos: 1983 p. 20)

As relações de afeto inter-raciais muitas vezes obedecem a esta linha valorativa estratificadora também, então a mulher negra estaria reservada o papel de servidão. Sua a imagem estaria ligada a afazeres domésticos e satisfação dos prazeres. Relações afetivas também são vividas no apagamento e marcadores

sociais obscuros, "ninguém pode saber", nos fazendo até mesmo recordar trechos da obra Casa grande e Senzala onde Gilberto Freyre cita:

[...]Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar"; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas" (FREYRE, 2000, p. 36)

Relações pautadas pela subjugação, onde a mulher negra desempenha um papel determinado pelo colonizador, e até "cabe", porém neste lugar social já demarcado. Então os versos trazem críticas sociais profundas sobre como as mulheres negras são representadas, e que esta representação não ultrapassa a barreira do erotismo. "(monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?). (Lucinda, 1991).

A ideia preestabelecida, de que tudo que vem de valores eurocêntricos, é bom e belo. E o que mais se aproxima da beleza europeia é o que deve ser alcançado, almejado, também está presente no pensamento relatado do homem branco no poema. E em contrapartida tudo que tem relação ao povo negro seria ruim, mal e indigno. A ideia de que ao relacionar-se com um homem branco a mulher negra estaria obtendo alguma vantagem social ou status, podendo ascender a um outro mundo onde não existisse afazeres domésticos, função sempre remetida a mulher negra, e que também, não haveria favelas, senzalas, a salvação viria dessa relação com o homem branco." Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas nada mais vai doer" (Lucinda, 1991, p. 184)

Em seu poema Elisa Lucinda trabalha mais estereótipos ligados a imagética da mulher negra como futebol, folclore e culinária. Na culinária temos a ligação entre a mulher negra e elementos da culinária baiana, aos quitutes, nos fazendo lembrar das personagens de Jorge Amado, que nos apresentou personagens como Gabriela. A mulher negra representada como uma mulher que sabe cozinhar, fogosa e que não serve pra casar. A ideia de usar o corpo da mulher negra como diversão. "Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre negro malê. Em nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar" (Lucinda, 1991, p. 184)

No segundo momento do poema, que vai do décimo sétimo ao último verso, a mulher negra toma a voz. Em princípio, dirige-se ao leitor para afirmar a cena do embate com o senhor e figuras masculinas que representam a lei, que se mostra conivente com o pensamento colonizador e patriarcal. Por fim, se dirige ao senhor respondendo à situação de assédio: "imaginem: ouvi tudo isso sem calma e sem dor. já preso esse ex-feitor, eu disse: seu delegado... e o delegado piscou" (Lucinda, 1991, p. 184.). A mulher negra protesta se posiciona, porém, sua indignação e denúncias não são levados a sério pelos homens que representam a lei: delegado e juiz têm a mesma forma de pensar que o senhor que a tentou seduzir, são coniventes com o racismo: "o delegado piscou" e o "juiz se insinuou". Com indignação, o eu lírico brada e vocábulos como "opressão", "barbaridade", "genocídio" chegam para dar mais

intensidade ao confronto: “falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena com cela especial por ser esse branco intelectual... eu disse: seu juiz, não adianta! opressão, barbaridade, genocídio” (Lucinda, 1991, p. 184).

O eu lírico representa todas as vozes silenciadas de todas as mulheres negras que vivem nessa prisão sem muros que é o racismo estrutural, através da arte literária, dos versos do poema mulata exportação de Elisa Lucinda as vozes dessas mulheres ecoam também. Agora a mulher negra fala sobre si, escreve sobre si, não é mais um mero objeto de observação de teses na visão do homem branco. Ela passa a reconstruir sua imagem a partir do texto poético. A fim de passar a limpo, um passado histórico de sofrimentos e servidão e criar novas narrativas, e retomar seu lugar de fala como vemos no verso: "Olha aqui meu senhor: eu me lembro da senzala e tu te lembras da casa grande e vamos juntos escrever sinceramente outra história? digo, repito e não minto: vamos passar essa verdade a limpo porque não é dançando samba que eu te redimo ou te acredito: vê se te afasta, não invista, não insista! Meu nojo! meu engodo cultural! minha lavagem de lata! Porque deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata! "(LUCINDA,1994, p. 184).

3 O papel humanizador do ensino da literatura e reconstrução da autoimagem da mulher negra.

Para Antonio Candido a literatura tem um poder humanizador, porém nem todos têm acesso à literatura, ou porque não foi apresentado a ela, ou mesmo por forças sociais segregadoras. Através da literatura podemos abrir novos caminhos para a liberdade e construção de novos imaginários. A literatura de autoria feminina negra expõe para os leitores o ponto de vista da mulher negra, e dá voz a mulheres que antes eram silenciadas, o processo de apagamento de autoras negras tornou cada vez mais difícil termos contato com essas vozes, porém já temos expressões dessas vozes emergindo, se popularizando e nos tornando cada vez mais humanos à medida que conhecemos a escrita dessas fantásticas autoras negras e assim construímos narrativas dialéticas.

“[...]Candido (1995) diz que a literatura é um poderoso recurso para educação e é vista como instrumento intelectual, considerando que ela “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p. 243).

A escrita de autoria feminina negra fala de personagens que buscam novas formas de “ser” no mundo, pois a forma vigente é um contexto desfavorável. E sobre isso, Jurema Werneck fala na introdução do livro Olhos D’água de Conceição Evaristo que a mulher negra, para ultrapassar os contextos desfavoráveis

“[...]Inventa jeitos de sobrevivência, para si, para família, para comunidade. Pode-se ver a que é derrotada, expurgada. Mas se prestar um pouco mais

atenção, vai ver outra. Vai ver Caliban (o escravo de Shakespeare em tempestade) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do Senhor e constrói a liberdade de mal dizer!” (Evaristo, 2015, p. 14)

Através de suas personagens e versos Conceição Evaristo e Elisa Lucinda buscam uma narrativa própria que ressignifique estereótipos e sofrimentos. Uma maneira de apropriar-se do texto e dizer-se.

A mulher negra passa de mera ouvinte para um ser que reivindica a palavra, que age, que sente. E contam histórias que teimam em dizer o que antes era silenciado.

E através dessa reinvenção convida-nos a existir em outro mundo, um mundo onde mulheres negras são agentes e protagonistas de suas transformações. Confirmando todo papel humanizador que a literatura tem.

Poderíamos afirmar que no ato de ressignificação e humanização que a literatura promove, está presente também o ato político, afinal na autopercepção desse feminino negro poético, marcado pela subjetividade de um eu em construção e reconstrução constantes, a mulher negra passa a reconhecer-se enquanto mulher negra, nas relações com o outro e constrói não só sua identidade, mas também sua cidadania. Através da arte literária é possível que a mulher negra diga quem é ou quem não é, mas acima de tudo quem quer ser, recuperando seu lugar de fala. Sobre o lugar de fala Djamilia Ribeiro afirma que

“Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.” (Ribeiro, 2017, p.47)

Então, a mulher negra poder expressar essa voz silenciada através da arte literária não é importante só para mulheres negras, mas é importante para toda sociedade, para o processo de humanização, a literatura nos eleva a um lugar de maior sensibilidade e subjetividade, tão difundida e promovida por teóricos educacionais importantes.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. -- São Paulo: Sueli

Carneiro; Pólen, 2019.

EVARISTO, C. “Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”. Revista Palmares: cultura afro-brasileira (Brasília), n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2017.

———. Histórias de leves enganos e parecenças. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

———. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

LUCINDA, Elisa. O Semelhante. 4: ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

REISNER, Gerhild. A Transformação dos mitos sobre o feminino na literatura brasileira contemporânea. Texto acessado no site: www.openlink.com.br/nielm/Gigi_port.html

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

SILVA, Assunção de maria Souza e Silva. Imagens femininas na escrita pós-moderna de Elisa Lucinda (UMA LEITURA DE O SEMELHANTE). defesa de dissertação. 2001.

FREYRE, Gilberto. (1966), Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. 14ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora

EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. Belo Horizonte, maio de 2009.

CANDIDO. A. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

